

Jornalismo, Ensino e Pesquisa: As Contribuições do Professor Sebastião Jorge para a Construção da Trajetória da Mídia Imprensa Maranhense¹.

Autora: Roseane Arcanjo Pinheiro ²

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo -UMESP

Resumo:

Este artigo traz reflexões sobre as contribuições do pesquisador Sebastião Jorge para a construção da trajetória do jornalismo no Maranhão, a partir dos anos 80, do século XX, quando iniciou a publicação de obras sobre a origem da imprensa no Estado. Articulando as ações dos protagonistas aos cenários históricos, o professor, que fez parte do corpo docente do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, elaborou três publicações: *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão* (1987), *A Linguagem dos Pasquins* (1998) e *Política movida a paixão: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes* (2000), resgatadas neste trabalho porque são referências no ensino do jornalismo no Estado. Entre as conclusões apresentadas estão a atuação da imprensa na constituição da identidade política do Estado e o surgimento de novas fontes para a pesquisa sobre história da mídia.

Palavras-chave: História; Jornalismo; Maranhão; Pesquisa

Introdução

As iniciativas para a preservação da memória da imprensa no Maranhão não poderão ser contadas sem a inclusão da trajetória do professor, advogado e pesquisador Sebastião Barros Jorge. As pesquisas sobre a gênese do jornalismo local pontilham a vida deste cronista, que vasculhou acervos, pesquisou inúmeros periódicos – nascidos no século XIX – e despertou no público o interesse pelo conteúdo daquelas folhas e pela vida combativa de polêmicos jornalistas.

Além das obras de Sebastião Jorge, nome com o qual assinou suas publicações, a imprensa maranhense é alvo de considerações em outras cinco, quatro editadas no final do século XIX e uma na segunda metade do século XX, com diferentes autores: *Memória sobre a Tipografia Maranhense*, de J.M.C. Frias, de 1866; *História da Imprensa do Maranhão*, de César Augusto Marques, publicada em 1878 na Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Rio de Janeiro-IHGB; *A Imprensa no Maranhão - sessenta anos de jornalismo*, escrita por Joaquim Serra em 1883; *Sessenta Anos de Jornalismo (1820-1880)*, de autoria por João

¹ Trabalho apresentado ao NP2 -Núcleo de Jornalismo do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social –Mestrado da Universidade Metodista de São Paulo-UMESP, sob a orientação do Prof. Dr. José Marques de Melo. E-mail: roseane_arcanjo@ig.com.br

da Mata de Moraes Rêgo, de 1884, e *História da Imprensa do Maranhão*, de Antônio Lopes, editada em 1959.

O pesquisador deu prosseguimento ao legado de poucos e dedicados historiadores. Sua contribuição está presente nas monografias, dissertações e teses produzidas pelos estudantes e professores dos Cursos de Comunicação Social, que, ao enfocarem a história do jornalismo, buscaram nos primórdios da imprensa as singularidades do processo de produção jornalística no Estado.

Atualmente, Sebastião Jorge debruça-se sobre novo estudo, desta vez abarcando o Centenário da Imprensa Maranhense (1821-1921), que poderá ser lançado em 2006, perfazendo quatro grandes obras sobre a mídia impressa local, tendo como principais fontes os acervos da Biblioteca Estadual Benedito Leite, em São Luís, onde estão arquivados os jornais do século XIX, e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Essa série de publicações foi elaborada em mais de três décadas dedicadas ao ensino e à pesquisa em Comunicação no Maranhão, projeto que faz do professor Sebastião Barros Jorge um dos mais importantes estudiosos da história da imprensa no Estado, onde mantém ativa atuação na área através de publicação de crônicas no jornal *O Estado do Maranhão* e realiza palestras e seminários sobre o tema.

Jornalismo, Espaço de Múltiplos Olhares sobre a História

O fazer jornalístico já foi visto, principalmente pelas correntes historicistas, como campo confiável para estudos sobre o processo histórico, porque retratava a verdade dos “fatos”, constituindo-se ainda em um reflexo fiel da realidade (MOREL, BARBOSA, 2002). Com a renovação dessas premissas e a valorização dos aspectos sociais e culturais, a produção jornalística passou a ser interpretada como importante documento de uma época, fonte de percepções e da ação dos agentes sociais.

Essa reviravolta na compreensão da importância social da ação dos jornalistas expôs a riqueza de idéias contidas nos periódicos e posteriormente em outros veículos de comunicação – como o material em áudio, vídeo e hipertextos, divulgado pelas emissoras de rádio, TVs e portais de notícias. Espaço de múltiplas idéias e arena de embates políticos, o jornal é uma “... verdadeira mina do acontecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas (...) Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988, p.21).

Como afirma a autora, ao ler os jornais nos deparamos com aspectos variados das atividades humanas, que estão explícitos nas manchetes, nos temas mais recorrentes em reportagens, na escolha das ilustrações e fotografias, na diagramação das páginas e nas mensagens dirigidas aos leitores.

Esses laços com o processo histórico envolvem a trajetória da imprensa brasileira, intimamente ligada ao desenvolvimento sócio-econômico do país. Em seu estudo sobre os fatores que retardaram a implantação da imprensa no Brasil, em 1808, MARQUES (2003, p.111), elencou uma teia de causas socioculturais, entre elas a natureza feitorial da colonização, o atraso das populações indígenas, a predominância do analfabetismo, ausência de urbanização e o obscurantismo da metrópole, entre outras, ao explicar a vinda tardia das tipografias.

Na ótica dos jornalistas, resgatar a história do jornalismo é compreender as especificidades, as contradições e os avanços no caminho percorrido pelos meios de comunicação. Protagonista e palco da história, a imprensa é espaço da memória, lugar das experiências humanas. Nos impressos mesclam-se percepções sobre o mundo, que repousam em suas páginas após a circulação dos jornais nas ruas e o conhecimento dos fatos do dia pelos leitores, o que transforma os periódicos em valiosas fontes documentais.

Nas Tramas do Jornalismo e da História: a Biografia de um Desbravador

Narrar a história dos impressos, esmiuçando a memória do jornalismo e desvelando a trajetória dos atores que decidiram os rumos deste ou daquele empreendimento jornalístico é uma das tarefas cumpridas pelo professor Sebastião Jorge, que desbravou esta linha de pesquisa tão desgarrada dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo. Tal fato decorre talvez da falta de percepção do jornalista enquanto sujeito de sua própria história, construtor dos caminhos e descaminhos do fazer jornalístico.

Marcando sua posição quanto a esse aspecto, o pesquisador iniciou seu leque de publicações com os livros *Pesquisa em Comunicação* (1974) e *O jornalismo hoje* (1978). Em seguida vieram *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão (1821-1841)*, de 1987, *A Linguagem dos Pasquins*, de 1998, e *Política movida a Paixão: o Jornalismo Polêmico de Odorico Mendes*, de 2000. Somente os três últimos serão estudados neste artigo, porque abordaram diretamente a história da imprensa. O autor também lançou em 2003 o livro *Cenas de Rua*, uma compilação de 70 crônicas publicadas em jornais da cidade, lapidadas pelas experiências vividas e o olhar perspicaz acerca do cotidiano de São Luís.

O professor Sebastião Jorge nasceu no município de São Bento-MA, onde iniciou os estudos. Na capital, graduou-se em Geografia e Ciências Jurídicas. Fez Pós-Graduação em Jornalismo e atuou nos seguintes jornais: *Jornal O Dia*, *Pacotilha - O Globo*, *O Imparcial*, *Correio do Nordeste*, *Diário da Manhã*, *Jornal de Bolso* e *A Tribuna*. Não esqueceu dos periódicos do interior, pois publicou crônicas no *Jornal de São Bento*.

Também foi colaborador da revista *Desportos e Lazer* e trabalhou como correspondente da revista *Visão*, de São Paulo. Foi redator das rádios Gurupi e Timbira e da TV Difusora.

Vislumbrando as potencialidades do mundo virtual, estendeu suas narrativas à rede mundial de computadores. Manteve, de forma pioneira, uma página semanal *on line* no provedor HCG. Atualmente possui uma série de artigos disponíveis em um *site* do provedor IG e é colaborador do *Observatório da Imprensa*, um dos mais importantes *sites* sobre jornalismo.

A vida acadêmica consolidou a paixão pelo jornalismo e pela arte de escrever. Fez parte da equipe pioneira que implantou o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, fundado em 1969.

A relevância dos estudos realizados pelo pesquisador sobre o nascimento dos jornais e o entrelaçamento dos mesmos aos cenários culturais, políticos e econômicos da cidade é ressaltada pelo professor universitário José Ribamar Lima Filho: “o texto de Sebastião Jorge flui ágil, com objetividade e clareza, transportando, assim, sua experiência de jornalista à arte e a ciência de fazer e escrever a história social (...) Acreditamos que, pelo conteúdo da obra, o seu nome será incorporado à historiografia maranhense...”, afirmou na apresentação do livro *A Linguagem dos Pasquins*.

A Gênese da Imprensa Maranhense: as entrelinhas do Jornal *O Conciliador*

A primeira obra de Sebastião Jorge com foco na história da imprensa é *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão* (1987), de 177 páginas, com edição simples. Nela abordou os primeiros vinte anos de jornalismo no Estado (1821-1841), onde seu ponto de partida foi *O Conciliador do Maranhão*, de 10 de novembro de 1821, o primeiro jornal do Estado. Antes deste período, o jornal circulou manuscrito com trinta e quatro números. O exemplar número 35 corresponde ao primeiro jornal impresso, por esta razão a data é celebrada como o Dia da Imprensa Maranhense.

Desta forma, recuperou parte relevante do nascimento da imprensa maranhense, cuja lacuna estava no livro *História da Imprensa Maranhense*, de Antonio Lopes. No prefácio, o autor informou que não tinha inserido o jornal pioneiro na investigação em decorrência da falta

dos exemplares na Biblioteca Pública Estadual. A doação dos primeiros números de *O Conciliador do Maranhão* ao acervo público ocorreu após a edição do livro de Antônio Lopes.

Sebastião Jorge cunhou em sua primeira obra um estilo diferenciado dos demais investigadores da história da imprensa maranhense. Optou pela (re) construção da trajetória dos periódicos, fazendo uma interface deste fato com as lutas políticas. Sobre o início da pesquisa a respeito da trajetória da mídia impressa, o professor explicou:

Fui motivado pela escassez de fontes confiáveis e enriquecedoras nesse universo acadêmico. Eu ministrava aulas no Curso de Comunicação Social da UFMA, no começo da década de 70 e já tinha uma experiência, no exercício da profissão de jornalista, por mais de uma década. Nesse momento senti necessidade de falar para meus alunos, a respeito da história da nossa imprensa (...) Incomodava-me o fato de ser perguntado e não ter respostas precisas. Abracei a atividade que desenvolvo por algumas décadas³.

O nome do periódico – *O Conciliador do Maranhão* – chocou-se com o papel desempenhado pelo jornal naquele cenário histórico. O periódico tinha uma linguagem agressiva e atacou seus adversários, defendendo seus interesses políticos. É nesse mesmo jornal que trabalhou o português José Antônio Ferreira Tezinho, ou padre Tezinho, um dos precursores do exercício do jornalismo no Maranhão. Foi também o primeiro a ser processado por crime de imprensa, obtendo posteriormente a absolvição.

As agressões, a linguagem chula e os abusos de *O Conciliador do Maranhão* provocaram a ira de parcela da população de São Luís. Uma representação de 65 cidadãos levou ao Rei de Portugal várias queixas contra o jornal. O documento também estava direcionado ao governador da Província, marechal Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, fundador da primeira tipografia do Maranhão, em 1820, acusado de cooptar os redatores para que divulgassem informações favoráveis ao governo local.

Tribunas Impressas e “Incendiadas”: A Luta Política e o Combate aos Adversários

Com a obra *A Linguagem dos Pasquins*, de 1998, 172 páginas, o autor retomou o tema História da Imprensa e aprofundou sua pesquisa, destacando um dos momentos mais agitados da história política do Maranhão: a postura da Província contra a Independência

³ Entrevista concedida a autora em 20 de maio de 2005 por email.

brasileira. Neste período, que compreendeu cerca de 30 anos do jornalismo local, nasceram inúmeros impressos, chamados “pasquins”, através dos quais grupos políticos almejavam o poder de forma irresponsável, travando disputas e transformando os jornais em arena de combate aos inimigos.

O livro ganhou edição com capa colorida e ilustrações das primeiras páginas de jornais (*O Arre e Irra, O Vulcão, O Guajajara, O Picapao e A Malagueta Maranhense*). Foi dividido em quatro capítulos e enfocou a criação dos “pasquins” no Brasil através das “escolas incendiárias” de Cipriano Barata e Gregório de Matos Guerra e o surgimento dessas folhas no Maranhão. Encerrou a obra com oito estudos de caso (os jornais *O Cometa, O Bem-te-Vi, O Guajajara, O Pica-pau, O Caboclo Maranhense, Figa, A Malagueta Maranhense e Patusco*). Sobre esses jornais afirmou:

Os pasquins circulavam com proposta de defender certos grupos ou determinada causa política. No programa editorial, os redatores prometiam não invadir a privacidade, mas trabalhar dentro de uma conduta ética (...) Tudo não passava de promessas. Palavras ao vento, pois logo, vinham os excessos (JORGE, 1998, p.18).

Com uma narrativa sagaz e crítica, o autor informou que os autores dos pasquins poderiam ser escritores, juristas, poetas e críticos literários, visando ganhar projeção social e alimentar a polêmica contra seus adversários. As tipografias não revelavam os editores e todo a elaboração do jornal era realizada às escondidas. Eram tempos difíceis que foram reavivados pela investigação de professor Sebastião Jorge, que confrontou informações colhidas com outras disponíveis em obras anteriores, chegando a corrigir datas e a preencher lacunas deixadas por outros estudiosos.

Sobre os laços entre jornalismo e política, o professor afirma que são faces diferentes para o entendimento das forças que influenciam o destino do país e por essa razão estão imbricadas na pesquisa:

No Brasil ninguém pode levantar a nossa história prescindindo dos jornais. Foi a partir de 1808 que se teve imprensa pela primeira vez, com a chegada de dom João VI ao país. Antes, apareceu o *Correio Braziliense*, em 1º de junho daquele ano, editado pelo iluminista Hipólito da Costa. (...). Os periódicos se fizeram presentes em todos os movimentos políticos do país, a começar pela independência do Brasil, no reinado de Pedro 1º, quando proliferam os pasquins, incluindo-se, ainda: as

regências; a fase do II Reinado, com Dom Pedro 2º; até chegarmos a Proclamação da República e aos nossos dias⁴.

Em Busca do Legado Jornalístico de Odorico Mendes

Novamente, em *Política movida a paixão: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes*, 182 páginas, os primeiros passos da imprensa maranhense são retomados por Sebastião Barros Jorge com especial atenção à vida do jornalista Manuel Odorico Mendes (1799-1864), proprietário do jornal *O Argos da Lei*, de 07 de janeiro de 1825. Naquele mesmo ano, foi lançado *O Censor*, de Garcia de Abranches, adversário com o qual Odorico protagonizou debates por meio dos jornais acerca do futuro político do Maranhão durante a fase imperial.

A obra, ilustrada com capa do jornal *Argos da Lei*, mostrou a trajetória do jornal de Odorico Mendes, editado com objetivo muito claro: defender o país e a Província das tentativas de recolonização, recorrentes mesmo após o processo de Independência do Brasil. O jornal tinha quatro colunas e 31 cm de altura e, apesar pequenos textos com anúncios, divulgava que o editor responsável dispensava ajuda de terceiros para a manutenção do periódico. A finalidade era escrever com mais liberdades e se desvincular de questões políticas ou econômicas que cerceassem a produção jornalística.

Odorico Mendes trabalhou fora do Maranhão em outros veículos da imprensa, tais como *7 de Abril*, *Astrea*, *Farol Paulistano*, *Clube Aurora*, *Íris*, *O Verdadeiro Liberal*, *Liga Americana*, *O Homem e a América* e *Jornal do Comércio*. As experiências em São Paulo e no Rio de Janeiro trouxeram prestígio e ampliaram o círculo de amigos do influente jornalista maranhense.

Conforme SERRA (2001:90), Odorico Mendes, autor de traduções dos clássicos gregos e latinos (obras de Homero, Virgílio e Voltaire), foi escritor de talento colossal: “O jornalismo maranhense com justa razão ufana-se de ter, entre os seus fundadores, esse venerando mestre, tão glorioso nas lutas políticas do Império”.

Seu opositor, o português radicado na província, João Antônio Garcia de Abranches, também foi um intelectual muito culto. Terei cursado a Universidade de Coimbra – segundo afirmações da sua família, embora o fato não tenha sido comprovado – e foi um comerciante rico que se dedicou às letras com muito afinco. Pertencia ao Partido Português, que defendeu os interesses da Metrópole. *O Censor Maranhense*, editado por Garcia de Abranches, circulou pela primeira vez em 24 de janeiro de 1825 e deixou as ruas em maio

⁴ Entrevista concedida a autora em 20 de maio de 2005 por email.

de 1830, somando 382 páginas. Tinha uma altura menor que a do *Argos da Lei*, 23,5 com três colunas (JORGE, 2000, p.12;75).

As disputas políticas nos jornais sustentaram a polêmica entre Odorico Mendes e Garcia de Abranches em um cenário de agitação social na Província, contrária à Independência do Brasil, que só foi aceita no Maranhão em 1823, com a intervenção comandada pelo Almirante Cochrane. Estudando um panorama no qual a liberdade de imprensa era verdadeira utopia, o pesquisador destaca a atuação de Odorico Mendes e Garcia Abranches:

As páginas escritas no calor dos debates são de uma importância ímpar para a história política maranhense. São páginas de fé e muita convicção naquilo que os dois jornalistas acreditavam. E por essas idéias e posições sustentaram uma polêmica que atravessou o século como exemplo de um jornalismo vigoroso.

(2000, p.13).

O professor Sebastião Jorge em sua obra reiterou o posicionamento político da imprensa e descortinou a vida de dois importantes jornalistas. Ao contar a caminhada da imprensa em São Luís não perdeu de vista a perspectiva jornalística na construção do quadro geral, soube articular o panorama sócio-político à presença da imprensa na província e seus desdobramentos, visão pouco presente em obras anteriores, mais informativas e pouco analíticas. Tais ações, observou o pesquisador em entrevista à autora, são imprescindíveis no ensino da História da Imprensa: “o professor tem um papel fundamental junto aos alunos, para fazê-los compreender e ao mesmo tempo motivá-los à pesquisa e estudos nessa área. É preciso, no entanto, que o mestre tenha uma formação ampla, sólida e que seja capaz de conduzir, orientar o estudante. O professor deve ser o primeiro a dá o exemplo”, concluiu.

Conclusões

As obras do professor e pesquisador Sebastião Jorge – *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão* (1987), *A Linguagem dos Pasquins* (1998) e *Política movida a paixão: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes* (2000) - são contribuições consistentes para o entendimento da participação da imprensa na construção da identidade política da sociedade maranhense, em especial da capital, São Luís. Parte dos jornalistas enveredaram pelas carreiras políticas e literárias – como Odorico Mendes e Garcia de Abranches – e deixaram contribuições para a compreensão do jornalismo enquanto espaço de poder, que se revestiu do debate de idéias que marcaram o Brasil nas fases do Império e da Regência.

O trabalho realizado por Sebastião Jorge sobre a história da imprensa no Maranhão, em curso porque o autor prepara livro sobre o centenário do jornalismo local, materializaram novas fontes de pesquisa para estudantes, professores e pesquisadores, bem como indicou futuros objetos de investigação, como a dinâmica dos periódicos, a biografia de jornalistas e as relações sociais e culturais travadas entre a cidade e os jornais.

Revelou ainda ser importante a continuação desse trabalho por meio da construção do inventário da mídia local, indicando os protagonistas, os episódios e as transformações pelas quais passaram jornais e revistas. A partir desse levantamento, nascerão novas interpretações e análises que proporcionarão outros olhares sobre a trajetória da imprensa no Maranhão.

Referências bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

FRIAS, J.M.C. *Memória sobre a tipografia maranhense*. São Paulo: Siciliano, 2001.

JORGE, Sebastião. *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão*. São Luís, PPPG/EDUFMA, 1987.

_____ *A Linguagem dos Pasquins*. São Luís: Lithograf, 1998.

_____. *Política movida a paixão – o jornalismo polêmico de Odorico Mendes*. São Luís: Departamento de Comunicação Social/UFMA, 2000.

MARQUES, César Augusto. *História da Imprensa no Maranhão*. Revista do Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Obra rara (Biblioteca Nacional), Rio de Janeiro, 1878.

MELO, José Marques de. *História Social da Imprensa*. São Paulo: Editora Edipucrs, 2003.

MOREL, Marcos, BARBOSA, Marialva. *História da Imprensa no Brasil: Metodologia. Rede Alfredo de Carvalho*. São Paulo, 2002. Disponível em:
http://www2.metodista.br/unesco/redealcar_inventario.htm. Acesso em 30 de abril de 2005.

SERRA, Joaquim. *Sessenta anos de Jornalismo – a imprensa no Maranhão*. São Paulo: Siciliano, 2001.

SODRÉ, Nelson W. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.